

arquivos pessoais experiências e perspectivas

José Francisco Guelfi Campos
(organizador)



Copyright © 2019 dos autores

Todos os direitos desta edição reservados à
Associação de Arquivistas de São Paulo

Reprodução autorizada, desde que citada a fonte

O conteúdo e a revisão ortográfica são de
responsabilidade dos autores

ASSOCIAÇÃO DE ARQUIVISTAS DE SÃO PAULO

Diretoria | Ana Célia Navarro de Andrade (presidente), Clarissa Moreira dos Santos Scmhidt (vice-presidente) Alessandra Andrade França Barbosa (secretária), Fátima Colombo Paletta (tesoureira)

Comissão editorial | Ana Maria de Almeida Camargo (coordenadora), Heloísa Liberalli Bellotto, Johanna W. Smit

Comissão de cursos e eventos | José Francisco Guelfi Campos (coordenador), Ana Célia Navarro de Andrade, Ana Maria de Almeida Camargo, Clarissa Moreira dos Santos Schmidt, Maria de Lourdes Ferreira

Arquivos pessoais: experiências e perspectivas [recurso eletrônico] /
organização José Francisco Guelfi Campos ; Associação de
Arquivistas de São Paulo. – São Paulo: ARQ-SP, 2019.
297 p. – (Eventus, 5).

Trabalhos apresentados no II Encontro “Arquivos Pessoais:
experiências, reflexões, perspectivas” ocorrido em São Paulo, em
7 e 8 de dezembro de 2017

Inclui bibliografia

E-book

ISBN 978-85-65797-17-7

1. Arquivos pessoais I. Campos, José Francisco Guelfi II.
Associação de Arquivistas de São Paulo II. Título III. Série.

CDD – 025.1

Ficha catalográfica elaborada por Andre Vieira de Freitas Araujo (CRB-8: 6831)

EXPERIÊNCIAS, REFLEXÕES, PERSPECTIVAS

José Francisco Guelfi Campos

Há cerca de 20 anos, a historiadora Angela de Castro Gomes chamou a atenção para os encantos e feitiços exercidos pelos conjuntos de documentos acumulados por indivíduos...¹ De lá para cá, os chamados arquivos pessoais — que já suscitavam, desde há muito, o interesse dos historiadores e de estudiosos de outras áreas do saber ² — foram ampliando o seu protagonismo na agenda de pesquisa dos arquivistas e seu espaço no acervo das instituições de custódia do patrimônio documental.³ Prova disto está no aumento expressivo do número de teses e dissertações que se propõem a discutir os arquivos de pessoas sob os mais variados prismas, na maior disponibilidade de livros e artigos escritos por autores brasileiros e na quantidade de eventos acadêmicos e científicos que vêm sendo promovidos regularmente nos últimos anos.

Não por acaso, o II Encontro “Arquivos Pessoais: experiências, reflexões, perspectivas”, promovido pela Associação de Arquivistas de São Paulo em 2017, atraiu expressivo número de participantes vindos de diversos estados do país. Em relação à sua primeira edição, realizada em 2015, o evento cresceu significativamente, ganhou corpo e identidade. A surpreendente adesão do público confirma não apenas o interesse da comunidade arquivística no tema, mas também sinaliza, para os organizadores, a necessidade de dar continuidade à iniciativa.

¹ GOMES, Angela de Castro. Nas malhas do feitiço: o historiador e os encantos dos arquivos pessoais. *Estudos Históricos*, Rio de Janeiro, n. 21, v. 11, p. 121-127, 1998.

² ARTIÈRES, Philippe; KALIFA, Dominique. L'historien et les archives personnelles: pas à pas. *Sociétés et Représentations*, Paris, n. 13, p. 7-15, 2002.

³ Convém notar que, no Brasil, o Setor de Arquivo do Instituto de Estudos Brasileiros da USP (inaugurado em 1968) e o Centro de Pesquisa e Documentação de História Contemporânea do Brasil da FGV (fundado em 1973) se enquadram como pioneiros no rol das instituições voltadas para o tratamento, a preservação e a difusão de arquivos pessoais. Quanto à bibliografia, destacam-se a primeira edição do manual de procedimentos do CPDOC (*Metodologia de organização de arquivos pessoais*), em 1986, seguida do artigo de Ana Maria de Almeida Camargo a respeito da experiência desenvolvida no Arquivo Municipal de Rio Claro com o arquivo de Plínio Salgado: CAMARGO, Ana Maria de Almeida. Arquivos pessoais: uma proposta de descrição. *Arquivo: boletim histórico e informativo*, São Paulo, v. 9, n. 1, p. 21-24, 1988.

Parte deste feliz encontro está agora registrada nas páginas deste volume, que reúne os trabalhos apresentados nos painéis de comunicações orais. São, ao todo, dezessete artigos de autoria de profissionais, pesquisadores e estudantes, que consistem em reflexões teóricas derivadas de projetos de pesquisa e relatos de experiências desenvolvidas em arquivos públicos, centros de memória e de documentação, universidades e museus. Neles estão representadas, à luz do trabalho com os arquivos de natureza pessoal, todas as funções que permeiam a prática do profissional de arquivo, bem como as contribuições de outros campos do conhecimento (conservação preventiva, diplomática, história e linguística aplicada) para a abordagem dos desafios impostos pelos documentos acumulados por indivíduos no curso de suas atividades rotineiras, na manifestação de suas esferas de interesse e no exercício de seus diferentes papéis sociais.

Da identificação dos tipos documentais ao desvendamento das circunstâncias da formação dos arquivos, do arranjo à descrição, da qualidade instrumental dos documentos aos sentidos que deles podem ser destilados na pesquisa especializada, passando pelos usos didáticos para o incremento da formação de estudantes de graduação, pela conservação preventiva e o atendimento ao usuário: nada escapa às reflexões e relatos de experiência compilados nesta coletânea, muito embora os saberes aqui reunidos não sejam – e nem pretendam ser – definitivos.

A variedade temática, de pontos de vista e de pressupostos teóricos e metodológicos notavelmente manifestada nos textos que se seguem é reflexo da própria diversidade que caracteriza os arquivos pessoais e que, muitas vezes, impõe obstáculos ao reconhecimento de sua natureza enquanto arquivos no sentido estrito do termo. Com efeito, há quem os considere conjuntos desarticulados, inorgânicos, como se resultassem de mera escolha arbitrária e essencialmente subjetiva.⁴ Por outro lado, há quem procure, mesmo sem desconhecer os princípios que regem a teoria e orientam a prática arquivística, desnaturalizar o processo de acumulação documental, enveredando pela trilha da etnografia para projetar nos arquivos a noção de um legado para a posteridade.⁵ “Albergues de uma memória singular”, “repositórios de conhecimento realocado”, “sistemas de poder que determinam aquilo que merece ser lembrado”, “montagens

⁴ CALLEJA, Mireya. ¿Archivos privados o colecciones? Fuentes primarias para la investigación de la identidad. VII Congreso de Archivología del Mercosur. Viña del Mar, 21 al 24 de noviembre de 2007, 17 p.

⁵ HEYMANN, Luciana Quillet. *O lugar do arquivo: a construção do legado de Darcy Ribeiro*. Rio de Janeiro: Contra Capa; Faperj, 2012.

artificialmente construídas”... Estas são apenas algumas das inúmeras metáforas e representações que pairam em torno dos arquivos pessoais⁶.

Proveniência, organicidade, unicidade, indivisibilidade, cumulatividade, naturalidade e imparcialidade estão na base da essência dos arquivos e se manifestam de forma *sui generis* nos conjuntos de documentos acumulados por pessoas. A despeito de suas características especiais e do certo charme que exalam, os “arquivos pessoais são arquivos”.⁷

O feitiço que exercem, decorrente da suposta capacidade de oferecer uma via direta de acesso à intimidade, aos pensamentos e à própria memória das pessoas, bem como a esperança de encontrar, nos vestígios fragmentários de uma trajetória, o indivíduo francamente desnudado, se dissolvem diante da aguçada observação de uma renomada arquivista alemã: os arquivos não contêm “bombas” nem “tesouros escondidos”.⁸ Também é certo que não são dotados de vida própria nem da força necessária para promover uma determinada visão dos fatos: matéria inerte, os “arquivos não falam”, como provocou Ana Maria Camargo.⁹

Se os arquivos não constituem, *per se*, uma narrativa, vale recordar que oferecem matéria-prima singular para a construção de entendimentos sobre o passado e o presente, isto porque os documentos que os compõem materializam as ações que justificaram a sua produção¹⁰ ou, como definiu Geoffrey Yeo, são “representações persistentes” de funções, atividades e eventos.¹¹

⁶ À guisa de curiosidade, ver: ASSMANN, Aleida. *Espaços da recordação: formas e transformações da memória cultural*. Campinas: Editora da Unicamp, 2011; DELGADO-GÓMEZ, Alejandro. Los archivos personales o el archivero domado. *Tabula*, Salamanca, n. 17, p. 75-84, 2014; ESCOBEDO, Joana. Los caminos de la memoria. Archivos personales. In: *Seminario de Archivos Personales*, Madrid, 26 a 28 de mayo de 2004. Madrid: Biblioteca Nacional, 2006, p. 55-79; MARQUES, Reinaldo. Arquivos literários e a reinvenção da literatura comparada. In: *Arquivos literários: teorias, histórias, desafios*. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2015, p. 13-28.

⁷ CAMARGO, Ana Maria de Almeida. Arquivos pessoais são arquivos. *Revista do Arquivo Público Mineiro*, Belo Horizonte, ano 45, n. 2, p. 26-39, 2009.

⁸ MENNE-HARITZ, Angelika. Die Verwaltung und ihre Archive. Überlegungen zur Latenz von Zeit in der Verwaltungsarbeit. *Verwaltung & Management*, Hannover, v. 5, n. 1, p. 438-452, 1996.

⁹ CAMARGO, Ana Maria de Almeida. Arquivos não falam. In: OLIVEIRA, Lucia Maria Velloso de; VASCONCELLOS, Eliane (org.). *Arquivos pessoais e cultura: uma abordagem interdisciplinar*. Rio de Janeiro: Fundação Casa de Rui Barbosa, 2015, p. 11-13.

¹⁰ DURANTI, Luciana. The concept of appraisal and archival theory. *The American Archivist*, Chicago, v. 57, n. 2, p. 328-344, 1994.

¹¹ YEO, Geoffrey. Concepts of record (1): evidence, information and persistent representations. *The American Archivist*, Chicago, v. 70, n. 2, p. 315-343, 2007.

Para garantir a polissemia dos arquivos e seu uso para fins muito diferentes daqueles que motivaram sua acumulação, não se deve jamais menosprezar algumas premissas que nunca saem de moda: o respeito à proveniência, a compreensão da lógica de sedimentação do conjunto documental, a preservação da organicidade, a manutenção do elo entre os documentos e as circunstâncias que determinaram sua produção. Como se verá adiante, a busca pela fidelidade aos princípios basilares da arquivística não se traduz na simples aplicação de conceitos ou na mera execução de procedimentos, mas descortina — sobretudo nos chamados arquivos pessoais — desafios muitas vezes capciosos, cuja solução inspira a revisão da teoria e a meditação sobre a prática, resultando na construção de conhecimentos renovados.

Que o leitor possa também se inspirar nas tantas perspectivas aqui reunidas, identificar-se na experiência alheia e obter respostas para os seus dilemas. Ou, quem sabe, melhor ainda: possa encontrar subsídios para novas e instigantes reflexões.